

De como uma moça bem comportada se torna Simone de Beauvoir*

Cláudia T.G. de Lemos**

Este texto começou a ser escrito em encontros breves com Mariza Corrêa em que, a propósito do quase-aforismo de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* – “não se nasce mulher, torna-se mulher”, eu lhe falava dos diálogos mãe-criança, sobre os quais, então, eu me debruçava para compreender a criança no seu percurso pela língua que lhe vinha da fala do outro que a interpretava. Diálogos em que a fala da mãe interpretando o olhar/movimento da *menina* de onze meses, supostamente dirigido a um objeto/brinquedo, funcionava como uma resposta a um suposto desejo da menina de saber ou o nome ou a história familiar do objeto. Diálogos em que a fala da mãe interpretando o olhar/movimento do *menino* de onze meses, supostamente dirigido ao *mesmo* objeto/brinquedo, funcionava como resposta a um suposto desejo do menino de *agir* sobre esse objeto. A partir desses “diálogos” em que a criança contribuía apenas com um olhar ou com o esboço de um gesto, desenhavam-se na fala da mãe a imagem de uma menina que contempla e a imagem de um menino que age. Seria essa a origem do processo pelo qual alguém se torna homem ou mulher?¹

Foi a lembrança dessas observações e encontros breves que deve ter levado Mariza Corrêa a me incluir entre as pessoas

* Recebido para publicação em outubro de 1999.

** Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, e Escola Lacaniana de Psicanálise de Campinas.

¹ Esses episódios foram analisados por PERRONI, Maria Cecília. Diferenças individuais em aquisição de linguagem: um estudo sobre gêmeos. *Anais do Segundo ENAL*, Porto Alegre, PUC-RS, 1991, pp.205-211.

Simone de Beauvoir

convidadas a homenagear Simone de Beauvoir no aniversário de cinquenta anos de publicação do livro que, penso eu, oficializa o feminismo enquanto reflexão sobre o que é ser mulher, buscando sob as várias camadas do imaginário de várias épocas, um possível de ser além da anatomia. E o convite de Mariza veio com uma sugestão que se revelou preciosa: a de que eu lesse o primeiro livro de memórias de Simone de Beauvoir – *Mémoires d'une Jeune Fille rangée* (ou *Memórias de uma moça bem comportada*, na tradução brasileira) – publicado nove anos depois de *O Segundo Sexo*, reconstituindo as pistas do que a tornou mulher. Impossível não ler nessa sugestão um desejo de encontrar as pistas do que a tornou uma mulher que desejou entender o que é ser uma mulher.

À primeira vista, pode-se pensar – e foi isso que eu pensei antes dessa releitura – que, escrito nove anos depois do livro que inaugura o feminismo, esse primeiro volume de memórias que vão da infância até sua vida de universitária e seu encontro com Sartre, seria marcado por um ponto de vista feminista, isto é, não seria nada mais que uma reconstrução heróico-crítica do passado familiar do qual ela, final e triunfalmente, viria a se libertar. Ou que, pelo menos, nele eu pudesse surpreender os vestígios dos diálogos em que as vozes familiares que a colocavam na posição de menina se alternariam com a emergência de sua voz feminina e, depois, feminista.

De minha primeira leitura desse primeiro volume de memórias, feita nos anos 70, o que sobrara era sua juventude em Paris, cruzada com a aventura existencialista tardia, por mim vivida na USP e nos bares da cidade de São Paulo nos anos 50. Esse opaco pano de fundo não poderia mesmo servir para amortecer o choque do encontro com a menina bem comportada cuja voz Simone de Beauvoir assume ao contar/recontar a infância e a meninice na primeira e segunda parte do livro.

Estranho é o efeito dessa voz em que não se ouve a autora de *O Segundo Sexo*, voz que narra a infância como um paraíso de coerência, de coincidência consigo mesma, tecida pela

identificação com os ideais literários do pai e a imersão na religiosidade da mãe.

Essa coincidência transparece em uma expressão que aparece com insistência na primeira parte do livro: *je suis là*. Sua função é menos a de circunscrever um espaço dêitico em que o “eu” anuncia sua presença a alguém do que a de assinalar uma presença a si/para si.

Para chegar mais perto da relevância dessa expressão nas memórias de Simone de Beauvoir menina e mulher, recorro aqui a uma frase de Sartre com que me deparei no verbete *être* do *Petit Robert-Dictionnaire de Langue Française*:

Eu transformo esse “eu penso, portanto sou/existo” que tanto me fez sofrer – pois quanto mais eu pensava, menos me parecia que era/existia – e digo: **alguém me vê/sou visto**, portanto sou/existo.²

Aí está um caminho que permite interrogar essa presença a si mesma, coincidência do existir com o ver-se a si mesma que a expressão *je suis là* exhibe. Ou melhor, permite surpreender, no próprio texto de Simone de Beauvoir, quem a vê de modo a que ela se pense como quem se vê, inteira, intacta, segura.

Um primeiro indício é o modo como são tecidas essas memórias da infância e da adolescência se abrindo para a juventude. O que ela vive e o que ela lê – e ouve o pai ler – se alternam e se entrelaçam, a ponto de embaralhar os olhos do leitor. É ela que se conta através das personagens ou são as personagens que contam o que ela, menina, viveu sendo e sonhando ser? Dizendo de outro modo: se o cotidiano familiar se apresenta sob a forma de fatos (mais esperados que inesperados) dos quais ela adulta se serve para dizer como era ela menina, a cada uma dessas cadeias de acontecimentos respondem um ou

² Tradução e ênfase minhas.

Simone de Beauvoir

mais livros, e é através deles que ela se vê e extrai o que é, o que não é, o que deve ser, o que quer ser.

Atrás de todos esses livros que lhe lêem, que lhe permitem ler, está aquele que lê, aquele que escolhe o que ela lê, aquele que aprova seu gosto apaixonado pela leitura, o pai, aquele cujo olhar produz esses outros espelhos.

Por outro lado, ainda que a crença religiosa da mãe lhe chegue através tanto de práticas quanto de livros, é da natureza que vem a revelação de Deus e de seu olhar que, à semelhança do olhar do pai, lhe garante esse modo de existir para si/em si.

...contra o silêncio infinito, sob o infinito do céu, parecia que a terra fazia eco a essa voz que, sem cessar, murmurava *je suis là* ...Lá encima, havia Deus e ele me olhava; acariciada pela brisa, inebriada de perfumes, esta festa no meu sangue me dava a eternidade.³

Os livros do pai e a religião da mãe vêm a imprimir sobre *je suis là* o sentido de uma correspondência estrita entre – é ela quem o diz – “o que é e o que deve ser”. No centro dessa correspondência está “a boa aluna”, selando assim o acordo entre família e escola, mãe e pai, céu e terra.

Paradoxalmente, é desse centro, para o qual convergem todos os livros que, obsessivamente, lê, ou que lhe chegam, a ela inebriada, pela voz paterna nos serões familiares, que irrompe a divergência, sob a forma do encontro com o nada, figurado tanto pelo que ainda não sabia quanto pelo que torna impossível dizer *je suis là*. O conto “A Sereiazinha” de Andersen, mencionado mais de uma vez no livro, é um dos cenários desse encontro:

Uma noite entretanto, o nada me perfurou. Eu lia: à beira do mar, uma sereia expirava; por amor de um belo príncipe, ela tinha renunciado à sua alma imortal, ela se

³ Beauvoir, Simone. *Mémoires d'une Jeune Fille rangée*. Gallimard, 1958, p.113. (A tradução dos trechos dessa obra foi feita por mim.)

tinha transformado em espuma. Essa voz que repetia sem trégua: *Je suis là*, calara-se para sempre: pareceu-me que o universo inteiro mergulhara no silêncio. Mas não: Deus me prometia a eternidade; **eu jamais cessaria de ver, de ouvir, de me falar**. Não haveria fim.⁴

Outros livros, outras tantas histórias, lhe serviam tanto para confirmar o saber que regia seu cotidiano de menina bem comportada quanto lhe deixavam entrever o que não sabia e o que não podia saber:

Uma história que se intitulava *Valentim ou o demônio da curiosidade* me fez uma grande impressão. Uma fada madrinha levou Valentim passear de carruagem; lá fora, dizia ela, havia paisagens maravilhosas, mas persianas vedavam as vidraças e ele não devia suspendê-las. Levado pelo seu mau gênio, Valentim desobedeceu: o que pôde ver, então, eram só trevas: o olhar matara seu objeto: se Valentim lutava contra seu demônio, **eu me debatia ansiosamente contra a noite de não-saber**.⁵

Contudo, o nada que vinha com o não-saber logo submergiam e a transparência voltava a tomar conta da superfície:

Por vezes agudas, minhas inquietações depressa se dissipavam. Os adultos me garantiam o mundo e eu raramente tentava penetrá-lo sem sua ajuda. **Eu preferia segui-los nos universos imaginários que eles tinham criado para mim**.⁶

O que viria a romper esse estado de coisas, transparência e coincidência? Primeiro, o reconhecimento de que seu universo de leitura era restrito, que havia livros proibidos, que “algo era

⁴ Id., ib., p.67. (ênfase minha.)

⁵ Id., ib., p.69. (ênfase minha.)

⁶ Id., ib. (ênfase minha.)

Simone de Beauvoir

dissimulado e ficava na zona do não-saber”.⁷ Esse reconhecimento toma uma forma aguda no momento de sua preparação para a primeira comunhão, diante de um padre que conta a história de uma menina precoce que acede à zona dos livros proibidos, perde a fé e termina por se suicidar.

O que eu menos compreendia era porque o conhecimento pode levar ao desespero. O pregador não tinha dito que os maus livros pintavam a vida com cores falsas (...) o drama da criança que ele não tinha conseguido salvar era que ela tinha descoberto a face autêntica da realidade. De todo modo, eu dizia a mim mesma, um dia eu a veria, face a face, e não morreria: a idéia de que houvesse uma idade em que a verdade matasse era repugnante a meu racionalismo.⁸

A discordância essencial incide, porém, no cerne de sua relação com o pai, mostrando o lado escuro dessa identificação de mão dupla, a outra face, o lugar da divisão. “Simone tem um cérebro de homem. Simone é um homem”, dizia o pai com orgulho. “No entanto, eu era tratada como menina”, acrescenta ela.⁹

Ser tida como detentora de um cérebro de homem a divide enquanto menina: as insuficiências de seu corpo – das mãos para desenhar, da boca para pronunciar o inglês cuja leitura dominava, dos braços e pernas nas aulas de ginástica – são relatadas sem queixa. Esse corpo era, na verdade, um empecilho:

...eu me sentia encarregada de uma missão que cumpria com orgulho, mas não supunha que meu corpo imperfeito

⁷ Id., ib., p.113.

⁸ Id., ib., p.117.

⁹ Id., ib., p.170.

dela tivesse que participar; ao contrário, se ele interviesse, poderia estragar tudo.¹⁰

Ser tratada como menina só podia então ser percebido através dos limites que impunham a seu cérebro de homem: só os rapazes tinham acesso à escola pública e a professores que discorriam sobre a literatura e a filosofia proibidas. Limites que apontavam para a contradição da fala paterna, empurrando o ser mulher para uma zona obscura. É essa zona obscura que ela vislumbra, uma tarde, da janela da cozinha do apartamento modesto para onde se tinham mudado por causa das dificuldades financeiras do pai:

Uma tarde, eu estava ajudando mamãe a lavar a louça; ela lavava os pratos, eu enxugava; pela janela, eu via o muro da caserna dos bombeiros e outras cozinhas onde mulheres esfregavam panelas ou descascavam legumes. (...) Uma imagem se formou na minha cabeça com uma nitidez tão desoladora que ainda hoje me lembro dela: uma fileira de quadrados cinzentos se estendia até o horizonte, diminuindo de tamanho segundo a lei da perspectiva, mas idênticos em sua platitude. Eram os dias, as semanas e os anos. Eu, desde que nasci, adormecia cada dia um pouco mais rica que na véspera, ia subindo degrau por degrau. Mas se encontrasse lá acima uma plataforma sombria, sem nenhum objetivo para ir adiante, de que serviria tudo isso?¹¹

Como, enfim, poderia ela, tendo um cérebro de homem, ter uma vida de mulher? Adolescente, escreve no álbum de uma colega de escola que quer ser um “autor célebre”. Adolescente, sonha com um casamento com um homem superior a ela, já que, reconhecendo a superioridade masculina, “se um homem não

¹⁰ Id., ib., p.95.

¹¹ Id., ib., p.144.

Simone de Beauvoir

valesse mais que eu, valia menos (...) Eu amaria, no dia em que um homem me subjugasse por sua inteligência, sua cultura, sua autoridade”.¹² Seria essa a saída para, tendo um cérebro de homem, poder ser mulher, a mulher de um homem? Saída calcada sobre a admiração do pai, dele por ela, dela por ele: “...a idéia que eu fazia de casal era indiretamente influenciada pelos sentimentos que tinha por meu pai.”¹³

À medida que prossegue em “sua missão” que, na terceira parte do livro, inclui a preparação para a universidade e, finalmente, o acesso à literatura e à filosofia proibidas, é com uma forma mais violenta da contradição paterna que ela se defronta:

As reticências de meu pai me perturbavam e me feriam mais [*que a difícil relação com a mãe*]. Ele deveria interessar-se pelos meus esforços, conversar amavelmente comigo sobre os autores que eu estava estudando: mas me mostrava apenas indiferença e até mesmo uma vaga hostilidade. Minha prima Jeanne era pouco dotada para os estudos, mas muito sorridente e muito educada; meu pai repetia a quem quisesse ouvir que seu irmão tinha uma filha deliciosa – e dava um suspiro. Eu me ressentia disso. Nada suspeitava ainda do mal-entendido que nos separava e que deveria pesar gravemente sobre minha juventude.¹⁴

À coincidência consigo mesma – *je suis là* –, efeito da suposição de poder coincidir com a imagem que lhe vinha do olhar do pai, sucede o mal-entendido. No espelho trincado ela pôde ver a imagem de mulher que a indiferença e hostilidade do pai projetava: uma mulher elegante, bem casada, que faria uso da literatura para brilhar nos salões. Uma mulher fora do alcance de suas filhas, já que seu fracasso financeiro as obrigaria a trabalhar. “Eu iria me tornar a encarnação de seu fracasso”, conclui ela em

¹² Id., ib., pp.204-205.

¹³ Id., ib., p.204

¹⁴ Id., ib., pp.244-245.

uma das páginas que se seguem ao entendimento de seu mal-entendido.

No diário que passa a escrever, ela acredita poder mergulhar no que crê ser uma ruptura decisiva. Nele, porém, se encontram as marcas da contradição que a dividiu. Ao mesmo tempo em que se vê transformada e forte:

...nele eu me interrogava, me analisava e me felicitava pela minha transformação. Em que consistia ela, de fato? Meu diário o explica mal. Entretanto, relendo-o, alguns fatos me saltaram aos olhos.

“Sou só. Sempre se é. Serei sempre só” (...) Encontro esse *leitmotiv* de uma ponta a outra do caderno. (...) “Eu sou outra”, dizia com orgulho.¹⁵

Se sente tomar pela angústia e pelo medo diante da “severidade de seu destino”: “Foi por meu pai que ele me foi anunciado: eu tinha contado com seu apoio, sua simpatia, sua aprovação: fiquei profundamente decepcionada quando isso me foi recusado.”¹⁶

É nesse momento que o tema do espelho insiste em seu diário, que, enquanto espelho, se desdobra em suas memórias. E esse espelho não é o figurado na frase de Sartre: “sou visto, portanto sou/existo”.

Ninguém me aceitava como eu era, ninguém me amava: decidi então que me amaria o bastante para compensar esse abandono. Antigamente eu convinha a mim mesma, mas me preocupava pouco em me conhecer; agora eu pretendia me desdobrar, me olhar, me espiar; no meu *Diário*, eu dialogava comigo mesma.¹⁷

¹⁵ Id., ib., p.262.

¹⁶ Id., ib., p.263.

¹⁷ Id., ib., p.266.

Simone de Beauvoir

É possível desdobrar-se em quem se vê vendo sem de novo deparar com o olhar do outro que, vendo, não me vê e não me vendo, me destitui de mim?

Quando eu atingia essa indiferença [para com a opinião dos pais] eu era capaz de rir sem ter vontade e de aprovar tudo o que se dizia. Mas aí eu me sentia radicalmente separada deles: eu olhava no espelho aquela que seus olhos viam: não era eu: eu não estava ali, não estava em lugar nenhum; onde me encontrar? Eu tinha me perdido.¹⁸

Impossível é não ler aí as marcas do que, ao dividir o pai, a dividia entre ser mulher, tendo um cérebro de homem, e deixar de ter um cérebro de homem para ser mulher. Não coincidir com nenhuma dessas imagens era deixar de ser. Não poder dizer mais *je suis là*, como a pequena sereia.

Não se pode, na verdade, saber, como uma moça bem comportada se torna Simone de Beauvoir. O que se pode talvez dizer, correndo os olhos pela colagem que compus a partir de suas memórias, é que, se *O Segundo Sexo* põe em questão o que é uma mulher, essa questão traz as marcas de uma outra, que vem da moça bem comportada: “Afinal, o que meu pai queria que eu fosse como mulher?” Se Simone de Beauvoir pôde atingir com *O Segundo Sexo* tantas das mulheres do mundo, foi porque sua resposta ao que é uma mulher brotou da brecha aberta entre essas imagens.

¹⁸ Id., ib., p.270.